

CARTAS DA BELGICA

O Centro Português
de Lovaina

Belgica, 17 de Fevereiro

Na vida de estudante que por aqui vou passando, cedo hept não ter passado duas horas de maior satisfação patriótica do que aquelas que acabo de viver, há poucos momentos ainda.

E, porque a alegria, que me encheu a alma, a posso transmitir daqui aos meus compatriotas, em poucas palavras lhes direi os motivos dela.

Man, grado nosso, sentimo-nos já acconodados, nós, os que temos de andar cá por fora, a triste sina de a toda agante que nos interroga da uncionalidade termos de provar a existência da nossa Pátria, docemente aninhada nas paragens lindas, onde « a terra acaba e o mar começa ».

E, quantas vezes — o que é prior ainda — não sebtimos pelas faces enrubrecidas subir uma onda de protesto, não sei bem contra quem, ao termos de desmentir, com apalxonada indignação, as injuriosas referências que fazem de Portugal uma pequena cidade, perto de Madrid, onde se fazem muitas revoluções, na típica definição dum gentil napolitano ao querido amigo Mons. José de Castro.

Pois, bem! Os quinze rapazes portugueses que em Lovaina estudam, numa generosa ideia do nunca assás louvado patriotismo, organizaram nesta cidade um Centro académico Português. E' um brado de fé. E' um grito simpático de amor da Portugal.

As horas que passei no ambiente entusiástico da última sessão que tiveram, deram-me a certeza de que a ideia é — louvado Deus — uma esplêndida realidade e que a realidade é uma autêntica e consoladora esperança.

Com efeito, Lovaina é uma grande Universidade. Abre os salões das suas Faculdades a estudantes sem conta de todas as nações da Europa, de muitas da Asia, de todas as Repúblicas sul-americanas e de algumas regiões da Africa.

No meio académico daqui, um centro, como o português, tem foros de cidade. O inter-câmbio estabelece-se rápido e o Orgão estudantino agasalha-o carinhosamente nas suas colunas.

A lingua de Camões ergue-se e faz-se já ouvir. E as suas palavras atravessam as paredes da sede portuguesa e chegam até ao gabinete de trabalho dos duzentos professores de Lovaina, até às mesas de estudo dos seus quatro mil alunos.

Que esplêndida Casa do Portugal não construam aqui os heroicos rapazes da minha terra!

E é interessante contar as peripécias da construção.

O architecto foi um português, estudante também, que nasceu em Portugal, mas, que não é... português. E, o ardente e apaixonado propagandista de Fátima na Bélgica, onde o seu zelo religioso o patriótico tantas maravilhas vem operando em prol da nossa Pátria e da terra bendita que a Virgem do Rosário escolheu para trono. E' o Rev. P. Pizarro, de Portocarrero.

Mas ele cometeu o erro horrendo de querer ser jesuíta...

E Portugal expulsou-o de seus braços. E Portugal repudiou-o de seu filho.

O formidável ridículo de semelhante caricatura de lei, que existe em Portugal!...

Mas ele vingou-se usurariamente. Era vê-lo, no principio do ano lectivo, a correr as ruas de Lovaina à cata de portugueses. Hoje um, amanhã outro, depois dois ou três. E conseguiu desencantá-los a todos. Cumulou-os de atenções. Foi cicerone, amigo, irmão e pai de todos.

Depois reatuiu-os. Uma grande ideia queria expor-lhes...

E a ideia vingou. E hoje florescem entre todas as associações de Lovaina, o Centro Académico dos portugueses.

Quantas dificuldades (para tudo é preciso dinheiro; e a bolsa dos estudantes...), quantas noites de mingado sono, quantos, passos de porta em porta!

Os seus estatutos, em várias sessões estudados e discutidos, são a prova segura do quanto há a esperar dos portugueses de Lovaina.

So eles foram forjados ao calor do C. A. D. C. de Coimbra...

Ninguém me encomenda o sermão. Mas eu sinto dentro de mim uma força que me impelo irresistivelmente a ser o intérprete não só dos portugueses aqui residentes, mas de todos os portugueses, expressando aqui ao grande português que é o Padre Pizarro os mil agradecimentos duma profunda, sentida, e indelével gratidão.

Se algum português há que não se queira associar, esse que se faça nuaente e que ouça o que de nós se diz cá por fora, mercê dos anos de loucura que vivemos, não há muito ainda.

Que este agradecimento se estenda aos seus irmãos em religião, vítimas, como ele, da iniquidade duma lei que em má hora foi impressa nas páginas do *Edicto do Governo*.

Continuem nessa cruzada de engrandecimento da Pátria ingrata, que nós daqui os acompanharemos, cheios de fé e de amor, no sonho lindo dum Portugal maior e melhor.

A. V.